

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT04.018](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT04.018)

## SABERES ANCESTRAIS E A EDUCAÇÃO PARA O SENSÍVEL

Carlos Eduardo de Araújo

Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, 2019cadu@gmail.com

### RESUMO

A construção de conhecimentos e a forma de repassá-los pelos xamãs exigem um tempo diferente em que a fala e as ideias seguem um fluxo de observação, escuta, experimentação, criação ampliadas, mais concentrada e menos redutoras. Retomando a necessidade de ampliar essa relação do homem com a natureza, anunciada pelo pajé, o gerador principal dessa ideia são os saberes da tradição indígena, que mantêm a sabedoria da floresta viva, evocando e reverenciando as forças dos elementos, como fizeram os ancestrais mais longínquos e, assim, conectando-se com uma sabedoria e ensinamentos que mantêm viva uma herança cósmica que se traduz na cultura. Partindo também de outros diálogos com xamãs, emerge a ideia de que uma mudança de pensamento parece ser a via principal da cura de si e do mundo, em oposição a uma forma de pensar que se afasta cada vez mais da natureza e que faz adoecer, não só o homem, mas também a biosfera em que vive. Este é o cenário principal para pensar os saberes ancestrais e sua educação para o sensível. Neste artigo dialogamos com filósofos indígenas brasileiros, dentre eles Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Davi Kopenawa e outros xamãs, conectados com o pensamento complexo, representado aqui por Edgar Morin, Conceição Almeida e outros pensadores. Ao pensar o presente no presente, em estado de presença, ocorre uma mudança cognitiva que nos localiza no universo dentro de um espaço do agora, em uma memória coletiva construída de uma

ancestralidade revisitada permanentemente e mantém viva a energia de uma comum-idade (comunidade) de destino e de espécie.

**Palavras-chave:** Saberes ancestrais, Educação, Xamanismo, Pensamento Complexo.

## EVOCANDO OS SABERES ANCESTRAIS

**T**emos como base principal deste escrito o pensamento do filósofo brasileiro Daniel Munduruku, conectando-o com outros pensadores como Ailton Krenak, Davi Kopenawa, para pensar a educação de forma ampla, que acontece dentro e fora das instituições. Uma educação de base complexa que ensina a viver e que ajuda ao aluno a compreender sua complexidade. Para esse diálogo também evocamos saberes ancestrais que sustentam esta educação ampliada do ser. Conhecimentos velados por xamãs e sábios da natureza que nos ensinam a inteireza do ser e suas múltiplas relações com os elementos da vida.

“Quanto mais o homem se distancia da natureza, mais ele adocece”, disse o xamã Kuaracy Pajé Katu em um de nossos encontros na Oca de Cura, localizada na comunidade indígena do Katu, na cidade de Canguaretama, no Rio Grande do Norte. A partir dessa sábia frase, ele falou da potência que há na relação entre o homem e a natureza, principalmente, o que chamamos de cura.

Assim se seguiram vários ensinamentos do pajé para um viver em sintonia com a natureza:

A sobrevivência de nossa espécie é impossível sem a natureza que nos alimenta, nos dá abrigo, tem seus remédios, sua cura. Quanto mais o homem se afasta da natureza, ele perde o conhecimento que está nela para se curar e isso é um erro. Os conhecimentos da tradição são valiosos demais. É simples: basta reverenciar e aceitar a cura que a natureza nos dá todos os dias. (ARAÚJO, 2022, p. 98)

Após tal fala, segurando o tambor próximo ao coração, o pajé cantou uma canção da tradição xamânica muito conhecida entre as comunidades indígenas do Rio Grande do Norte, que diz: “sou da terra, sou da água, sou do fogo e sou do ar” (seguindo esse estribilho em diferentes tons, a música é geralmente cantada na abertura de rituais ou em rodas de Toré).

Após tocá-la repetidas vezes, como um mantra, o xamã falou um pouco do sentido da música. Para ele, falar que somos da terra, da água, do fogo e do ar significa reverenciar os elementos que compõem o todo e cada parte que forma a Mãe-Terra. Compreende-se

também o nosso alinhamento como seres do universo, constituídos dos mesmos elementos. Isso nos alinha de forma energética, recolocando o homem como participante, com igual importância e necessidade, no grande círculo em que estão todos os seres. Ele finalizou o discurso com “Kuaracy Pajé Katu falou”.

A dimensão de sua fala simples e de força oral, típica dos xamãs e pajés da cultura ágrafa, compõe um complexo de conhecimentos tecidos dentro de um tempo imemorial. Aqui, abrigo algumas reflexões que envolvem cultura ágrafa, oralidade e o modo de construção dos conhecimentos por alguns xamãs e pajés. São homens que não se utilizam da escrita para registrar seus conhecimentos e mantêm a oralidade como forma de difusão da sabedoria adquirida. A contação de histórias sagradas é repetida diversas vezes para que o ouvinte compreenda, em cada repetição, a sutileza da sabedoria e possa aprender também a repassá-la com a mesma astúcia.

A cultura ágrafa parece considerar o pensamento dinâmico, em permanente transformação, sendo o ato de escrever uma forma de aprisionar o pensamento. Davi Kopenawa, em trechos de seu livro *A queda do Céu* (2015), argumenta que o homem branco tem necessidade de descrever o que sabe na “pele de árvore” (como chama o papel), acrescentando que a memória do homem branco está obscurecida pela ganância de mercadoria.

Alguns indicam haver também um modo simplificado na fala dos indígenas e xamãs, como se fosse uma economia da palavra típica desses atores. Prefiro ficar com a ideia de que “para bom entendedor, poucas palavras bastam”, isso porque o indígena já está inserido e vivenciando em seu cotidiano o que o xamã ou pajé está ensinando. Podemos também pensar que o uso de frases pequenas, simples, mas de grande potência e permanência, como são as sabedorias arcaicas, possa indicar a forma de construção do conhecimento pelos xamãs por meio de longas reflexões, chamamentos de forças e espíritos, intuição aguçada e várias outras vias, o que diverge do pensamento ocidental, no qual impera a rapidez, a redução e o que chamam de eficiência.

A construção de conhecimentos e a forma de repassá-los pelos xamãs exigem um tempo diferente em que a fala e as ideias

seguem um fluxo de observação, escuta, experimentação, criação ampliadas, mais concentrada e menos redutoras.

Retomando a necessidade de ampliar essa relação do homem com a natureza, anunciada pelo pajé, o gerador principal dessa ideia são os saberes da tradição indígena, que mantêm a sabedoria da floresta viva, evocando e reverenciando as forças dos elementos, como fizeram os ancestrais mais longínquos e, assim, conectando-se com uma sabedoria e ensinamentos que mantêm viva uma herança cósmica que se traduz na cultura.

Partindo também de outros diálogos com xamãs, emerge a ideia de que uma mudança de pensamento parece ser a via principal da cura de si e do mundo, em oposição a uma forma de pensar que se afasta cada vez mais da natureza e que faz adoecer, não só o homem, mas também a biosfera em que vive. Esse pensamento obscuro, vidrado na mercadoria, como falou Kopenawa (2015), se torna hoje uma ameaça fatal para todos os seres.

O xamã, como representante do povo Yanomami, nos fala que

Quando todos nós tivermos desaparecido, quando todos nós, xamãs, tivermos morrido, acho que o céu vai cair. É o que dizem nossos grandes xamãs. A floresta será destruída e o tempo ficará escuro. Se não houver mais xamãs para segurar o céu, ele não ficará no lugar. (KOPENAWA, 2015, p. 153).

Davi concebe os saberes da tradição como base da sustentabilidade da vida no planeta e indispensável diante das atuais catástrofes socioambientais. Em todo o seu livro, ele pensa a relação entre a floresta e o fim do mundo, sendo a destruição da floresta Amazônica o fim dos xamãs, já que não poderão mais ouvir os espíritos da floresta. A sustentação do céu pelos xamãs é a metáfora para falar que aniquilar a floresta é o fim da força xamânica, da sabedoria milenar que mantém a vida.

Trata-se de um pensamento que dialoga com os saberes da tradição, impulsionando a retomada de uma cosmopoética presente no pensamento xamânico, preservado nos povos originários, revisitado na sabedoria ancestral e acessado na dimensão espiritual pelos xamãs, por meio de práticas, comunicações, ritos e mitos.

O xamã parece se alimentar de algo vivo que a natureza lhe oferece. Vivo e presente, atento ao agora, ao seu corpo, sua mente e isso aflora um modo de pensar. A constituição do corpo, os sentidos, as ações passam a ser direcionados à construção de um ser por inteiro, ao mesmo tempo que constrói seu caminhar epistemológico.

Nesse movimento, o estado de presença é como uma chave, um gatilho mental que suspende aos poucos o pensamento sobre o futuro e o passado e nos repõe no presente. Torna-se uma via para pensarmos a si, no outro e no mundo. Esse presente é o ponto central da obra do filósofo indígena Daniel Munduruku, xamã que inscreve suas memórias, pesquisas e saberes no papel para ensinar ao povo da cidade o que o povo da floresta lhe ensinou.

Neste artigo, é ele que nos ensinará a estar no presente, a educar os sentidos e a escutar o silêncio, para ser possível compreender o nosso curso no rio. Conceitos vivos meditados por Daniel Munduruku, amplificados em sua vasta obra.

Esse pensador indígena do povo Munduruku possui marcante atuação na disseminação da literatura indígena brasileira. Possui dezenas de livros publicados em sua *Livraria Maracá*, que também divulga outros autores indígenas. Ganhou várias premiações por suas obras e realiza debates instigantes sobre cultura indígena e literatura em seus canais. O considero um dos maiores pensadores do Brasil.

Daniel Munduruku, indígena brasileiro, escritor e etnofilósofo, é um dos pensadores que trazem para o diálogo em seus livros e palestras uma cosmoética presente na tradição de seu povo, na qual a ancestralidade é a grande voz que ensina a estar no presente. Construindo caminhos que levam a uma educação de base complexa, Daniel tem dialogado com várias áreas do conhecimento que entrelaçam seus escritos, sendo também uma voz de resistência há décadas.

Ele nos alimenta com pensamentos para enxergar a educação de forma ampla, emaranhada com a nossa existência, nos pondo como educadores e educandos, cada um em seu fluxo, e nos faz pensar e repensar a educação como jornadas da vida.

Em cada fase do humano coexistem vários ensinamentos e aprendizados, seguindo o compasso da natureza, aprendendo com

seus ciclos, na inteireza do espírito de cada idade que se envolve na trama de seu caminhar sobre a terra.

São ideias desse contador de histórias que move essa narrativa, para pensarmos ensinamentos xamânicos, como saberes da tradição e reservas de pensamento que formam o ser por inteiro.

## PARA UMA EDUCAÇÃO DO PRESENTE

A obra de Daniel Munduruku nos leva à origem do caminho, a rememorar ensinamentos antigos, reverenciar o saber que permanece por séculos e reler “os dizeres que moram nas entranhas da terra, debaixo das folhas secas, entre cadáveres e carcaças do mundo” (MUNDURUKU, 2014, p. 15).

Uma das ideias potentes expostas por Daniel, transposta da floresta de sua vivência, é nos conduzir ao presente, tomando-o como um presente do universo, exercício também realizado por xamãs. Uma localização geográfica, espiritual, social, política e existencial que amplia tanto a percepção de si, como também do outro, compondo nossas múltiplas correlações no mundo e com o todo em retroalimentação.

Colocando o presente como dínamo, orientando nossos pensamentos e ações, essa ideia se torna potente ao mover a cognição para um estado de presença que destoa do credo ocidental, ao insistir em nos fazer pensar o futuro, suprimindo o presente e o passado, onde se encontra a memória dos povos originários.

O futuro se revela como flutuação diante da composição de um pensamento guiado e vivido no presente. O tempo é tomado com um novo sentido, dissolvendo a competição, o frenesi, a “eficiência programada”, a violência do mercado e tudo o que está associado ao futuro utilitarista como lugar do progresso humano. O tempo se torna o presente a ser aberto, vivido, agraciado, poetizado, sonhado, desfrutado e incorruptível. Um verdadeiro presente diário oferecido pelo grande espírito, como Daniel expõe.

Pensar o presente, como propõe Daniel, oferece uma mudança radical, ou podemos dizer uma retomada do pensamento dos nossos povos originários do Brasil, que de forma intencional nos move a ver a vida, a nós mesmos, aos outros e o conjunto das coisas como um corpo único. Um corpo que convive num fluxo imprevisível, em

que cada ser tem sua participação e responsabilidade de manter seu papel energeticamente.

Ao pensar o presente no presente, em estado de presença, ocorre uma mudança cognitiva que nos localiza no universo dentro de um espaço do agora, em uma memória coletiva construída de uma ancestralidade revisitada permanentemente e mantém viva a energia de uma comum-idade (comunidade) de destino e de espécie.

Aos poucos, realinhamos a mente, o corpo e o espírito, aos seres e aos elementais como um corpo único, num fluxo comum de diferentes variações e direções. Considero esse pensamento como um ensinamento xamânico potente que metamorfoseia o homem ao situar todos no universo, no tempo fora do tempo, na perspectiva planetária como integrante desse organismo vivo, inexplicável e em expansão. Passamos a nos compreender como parte e todo ao mesmo tempo.

O presente, o hoje, o agora são mais do que elementos temporais, são categorias dinâmicas que dão fluidez, potência, vitalidade e fluido para criar. Estar no presente é aprender com o momento e poder criar.

Ao vivenciar o presente, acolher e propagar sua energia e entender o xamanizar dessa ideia, podemos crer na sua potência, como expressa o próprio Daniel Munduruku:

O hoje começa e termina em mim. O hoje é minha eternidade frágil, lapso de luz de um raio que ilumina por um tempo infinitamente curto. Só hoje EU SOU. Só hoje estará tudo bem. Só hoje estará tudo bem. Só hoje serei mais risonho, alegre, forte. Só hoje trarei meus sonhos à baila e dançarei com eles a harmonia do Universo. Só hoje murmurarei melodias inaudíveis para sintonizar a música da natureza. (MUNDURUKU, 2014, p. 16).

Ao pensar no presente, os ciclos ao qual fluem as organizações, desorganizações, interações e outros movimentos, podemos alcançar o entendimento de nossa integração plena ao cosmo. Isso envolve o processo de autoconhecimento, como uma das vias principais para encontrarmos a conexão com a energia da vida, sendo também uma via para nos reconhecermos como irmãos de todos

os seres. Esse entendimento descortina um pensamento ancestral circular no qual vivemos, independentemente, mas que sua compreensão se esfacela aos poucos, principalmente na educação escolar instituída.

Como bem observa Daniel Munduruku,

Infelizmente, a escola corrompe o pensamento circular da criança (...) é na escola que ele aprende a entortar o pensamento e a se distanciar da circularidade da vida. É na escola que ele vai começar a distanciar o seu eu do ser do mundo. É onde vai abandonar sua compreensão real dos sentidos da existência. A escola lhe oferecerá, em troca, um futuro linear, todo planejado, todo certo, todo pensado, todo preparado. (MUNDURUKU, 2014, p. 28).

Esse é um dos focos principais de sua crítica ao “pensamento torto” do Ocidente, que desenraiza as gerações e impõe um pensamento oco, sem sentido, apontando metas e ideias de disputa, separação e fragmentação, cortando nosso laço com a teia da vida que nos une. Na intenção de reconexão, Daniel propõe a retomada de um pensamento circular ancestral que reanime as gerações, recolocando-as novamente no círculo, dando as mãos aos viventes, reverenciando a sabedoria que sustenta, a milênios, os povos originários do Brasil.

Em *O banquete dos Deuses* (2009), Daniel sintetiza o sentido de geração e continuidade, ao propor o pensamento de que

somos a continuação de um fio que nasce muito tempo atrás, vindo de outros lugares, iniciado por outras pessoas, completado, remendado, costurado e continuado por nós. De uma forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia. (MUNDURUKU, 2009, p. 16).

Nesse mesmo livro, Daniel fez uma pergunta para a qual a resposta é urgente e essencial. Ele pergunta se o professor conhece sua ancestralidade. Tal questão está relacionada a várias outras, dentre elas, a nossa relação com nossa família ancestral e, principalmente, nossa forma de pensar o mundo e a vida, o que nos leva

a refletir o presente enquanto momento de continuidade de uma sabedoria antiga surgida e alimentada por milênios, onde habita a energia das antigas gerações.

Daniel nos provoca a pensar uma educação em que “é preciso trazer a figura dos antepassados para dentro da escola. Trazer suas histórias, seus comprometimentos, suas angústias, sua humanidade” (2009, p. 18). Pensar tais questões é o portal para novos aprimoramentos do ato de educar.

## PARA UMA EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

A educação para o presente caminha ao lado de uma educação sensível. Juntas, educam os sentidos do indivíduo em sintonia com a sabedoria ancestral. Nesse olhar, a importância dos saberes indígenas amplia-se ao transversalizar áreas de conhecimento, afirmando-se ser um pensamento complexo sobre a vida, o homem e a natureza.

Nas palavras de Pimentel, pesquisador dos saberes indígenas,

Os conhecimentos que possui uma pessoa respeitada como xamã, ou pajé, podem passar por campos distintos como a botânica, a medicina, a zoologia, a ecologia, a etologia animal, a meteorologia, a filosofia, a música, a química, a psicologia, a nutrição e a história, entre outros. (PIMENTEL, 2012, p. 69).

Daniel nos lembra incansavelmente em suas falas que não somos donos da teia vida, como uma resposta direta ao pensamento que insiste em dominar, manipular e explorar a natureza. Somos parte dessa teia à qual devemos velar. Uma resposta dada por vários outros pensadores, ativistas e movimentos que enxergam claramente a relação de um modo de pensar que esgarça a natureza para obter capital. Uma resposta direta aos que seguem no frenesi do capital, animados pela sede insaciável do lucro que logo se tornou o motor da degradação da biosfera e também da antroposfera.

Tendo a natureza como principal educadora da vida, propõe-se também refletir sobre o modo de pensar científico ensinado nas escolas e que ressoa no trato com a natureza, emergindo o status

atual de barbárie, destruição causada por essa forma de pensar da tecnociência.

Uma educação que instiga a pensar o presente é uma valiosa proposta para reformamos as instituições educacionais. Estar no presente é um ensinamento dos povos arcaicos, do pensamento xamânico, para o homem contemporâneo.

Norval Baitello Júnior (2019), renomado pesquisador brasileiro, filósofo da comunicação, em seu livro *Existências penduradas*, se dispõe a fazer uma ecologia das imagens, pensando o presente e os novos ambientes em que passamos a viver. Num de seus textos, ele nos instiga a pensar que “sempre estamos à frente, no futuro e acima de onde se encontre nosso corpo” (BAITELLO JÚNIOR, 2019, p. 28), movimento fruto da aceleração da vida e do tempo, somado à imagem que almejamos, sempre no futuro. Parece que nunca estamos no presente, superalimentando o futuro.

Estar no presente é, assim, nos desligarmos de algo imaginário e imaginado a que chamamos de futuro e “que nada são senão imagens sem garantia nenhuma de realização” (BAITELLO JÚNIOR, 2019, p. 29).

Estando presente e em estado de presença, podemos transitar por nossos infinitos e transfinitos, em nossos infinitos interiores.

Para fechar este diálogo sobre a potência do presente, podemos compreender que, ao acioná-la, tal estratégia de pensamento proporciona despertar as potências humanas para o envolvimento da vida, sendo, assim, uma forma de cura. É para o presente que Daniel Munduruku nos traz que na tradição de seu povo é preciso manter uma educação “para o presente, para o agora”, conforme também defendem os anciões, pajés e xamãs. Essa é a forma ancestral de educar.

Para que a tradição faça sentido, é preciso respeitar as fases do indivíduo, o que constrói sua integralidade, no respeito do ser criança, do ser adulto e do ser velho, cada um com um papel a ser assumido, seguindo o fluxo natural da vida.

Nas palavras de Munduruku, “é necessário e urgente educar nossas crianças para viverem seu presente, caso contrário, correremos o sério risco de criar cidadãos infelizes.” (2014, p. 58).

Outro conceito inspirador trabalhado por Daniel é a educação dos sentidos a qual enxergo também com um ensinamento, presente nas práticas e conhecimentos xamânicos.

A educação dos sentidos parece emergir também do estado de presença. Educar os sentidos não só para a sobrevivência, mas também educar os sentidos da existência. O presente passa a evocar seu profundo sentido, quando proporciona percebermos os sentidos.

Em sua relação diária com a floresta, educar os sentidos não é apenas aguçar habilidades. Nas palavras de Daniel, "estar atento ao que acontecia na floresta era uma etapa necessária para aperfeiçoar o outro olhar que educaria o espírito: aquele que vê os mistérios por trás dos sentidos" (MUNDURUKU, 2014, p. 50).

Captar os sentidos do ser, aprimorar o caminhar xamânico, é uma forma de constituir-se como ser em permanente movimento de plenitude. É a construção do ser complexo.

Para encontrarmos pistas desse processo de rompimento, é preciso pensar a fragmentação do saber e a negação da diversidade como marcos de um processo maior de destruição do humanismo pleno, que afeta fortemente o processo de ensinar e aprender os sentidos.

A educação lida com problemas diversos e em diferentes dimensões, sendo urgente retomar a reflexão sobre sua missão de construir uma sociedade com mais solidariedade, cooperação e respeito. É preciso pensar uma educação como via para a construção integral do sujeito para que possa compreender o outro e atuar como transformador de sua sociedade.

Pensar o ato educativo de forma complexa, em suas várias conexões, é tarefa difícil, mas imprescindível diante das transformações atuais que requerem um novo pensar para a compreensão dos problemas cruciais de nosso tempo. É necessária uma "reforma do pensamento e da educação".

Edgar Morin, em consonância com Daniel, sugere uma educação que ensine a viver, enfatizando que

a escola atual não fornece o viático benéfico para a aventura de vida de cada um. Não fornece as defesas para se enfrentar as incertezas da existência, não fornece defesas contra o erro, a ilusão, a cegueira. (...)

ele não fornece os meios que permitem conhecer a si mesmo e compreender o próximo. Não fornece a preocupação, o questionamento, a reflexão sobre a boa vida ou o bem viver. Ela não ensina a viver senão lacunarmente, falhando naquela que deveria ser sua missão essencial.” (MORIN, 2015, p. 54).

Para uma educação para a vida, é necessário apreender a importância de se debater seus elementos construtores e os interditos. A partir daí, construiremos os passos para uma reforma do pensamento que provocará a projeção de uma educação do futuro.

A educação escolar está fundamentada na ciência clássica, apresentando conhecimentos como propedêuticos e desenvolvendo o método científico como base para alcançar conhecimentos “válidos e confiáveis”, transformando os conteúdos em verdades exclusivas de cada disciplina.

Essa ciência clássica que prevalece até hoje como principal forma de ler o mundo é dominante na educação escolar e apresenta um discurso científico pautado na eficácia e na evidência, sendo categorias vistas de modo crítico pelas ciências da complexidade. Tal ciência da racionalização patológica e utilitarista tem “a procura crítica da verdade como critério último em matéria de formação, na esperança de um encontro harmonioso entre verdade, libertação das alienações internas e externas, e justiça social” (ATLAN, 1993, p. 100-101).

Historicamente, um sistema escolar universal, padronizador, foi pensado em função de um ideal de homem europeu, entre os séculos XV a XVIII. As escolas e universidades se tornaram lócus de difusão de um saber exclusivamente racionalista que dogmatizou a ciência como linguagem universal. Desde então, esses espaços formadores se fecharam, limitando-se a ensinar “um método único e uma forma de pensar”, afirma Almeida (2017, p. 91).

Ao organizar seu método de conhecer, a ciência clássica afirma verdades unitárias, axiomas e provas. Portanto, outras formas de conhecer que não compartilhem dos seus princípios passam a ser rejeitadas. Ao separar a cultura humanística da cultura científica e excluir-se do diálogo com saberes milenares, a ciência se fez fragmentadora. Elementos que levaram ao pensamento fragmentado ressoaram evidentemente em diferentes dimensões, chegando às

instituições e documentos, marcadamente na educação. Escolas e universidades seguiram o mesmo caminho unilateral e reducionista, pois seus currículos têm um padrão conteudista, com especialidades não comunicantes.

A ciência clássica produz a ideia do que é e o que não é ciência, negando os saberes ancestrais que compõem uma constelação de formas outras de ver o ser e o cosmo, ambos contendo um rico conhecimento sobre o homem, a natureza e suas interações. Na análise de Henri Atlan, “foi a ciência moderna que se separou de tudo isso, tendo adquirido a sua eficácia operacional e teórica graças a essa separação” (1993, p. 124).

Sobre os conteúdos trabalhados atualmente na educação escolar, argumenta Morin que “os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não consegue conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios da nossa época” (MORIN, 2016a, p. 17).

A educação formal, como instrumento de preparação das novas gerações, está diante de problemas em diferentes dimensões. Assim, é urgente retomar a reflexão sobre sua missão, em que um dos princípios fundamentais é construir uma sociedade com mais solidariedade e respeito, não reduzida às pretensões utilitaristas, neotecnicistas e neoliberais.

Ao apreender esse contexto que envolve questões cruciais sobre a educação, entendo ser preciso pensar a forma de educar dos nossos ancestrais, como apreendemos no pensamento de Daniel Munduruku. Uma educação presente, sustentada pelos saberes de uma tradição milenar e construída pelos saberes que a natureza apresenta.

Daniel apresenta em seus livros as sabedorias de seu avô Apolinário. Um dos ensinamentos diz:

Com os olhos inflamados por um estranho estado de êxtase recomendava: “Se vocês quiserem saber como foi o começo de tudo, perguntem ao nosso irmão mais velho, o fogo; se quiserem entender onde mora a alegria, pergunte à água cristalina, pois ela vem da fonte da alegria; querendo saber as notícias dos espíritos, questionem o irmão vento, pois ele vem de longe; se

querem saber qual foi o som, da criação, pergunte à Mãe Terra, pois ela tudo gerou". (MUNDURUKU, 2009, p. 28).

Esse ensinamento xamânico, que nos põe diante de uma natureza sábia, se manifesta a partir de uma consciência no presente e que educa o sentido. A sutileza e a sensibilidade para captar as respostas irão depender do quanto experimentamos a potência da vida e a memória que nos sustenta diariamente.

Podemos apreciar a potência da vida ensinada pela natureza, por cada um de seus reinos, para humanizar o homem. Alguns desses xamãs, pajés, curandeiros, artistas e vários outros são veladores desses saberes que humanizam. São esses saberes que ampliam nossa compreensão sobre a vida, sobre nós mesmos e os outros.

Seguindo neste diálogo que pensa uma educação de base complexa, exponho algumas pistas que Munduruku nos dá de um pensamento que respeita e reverencia a Mãe-Terra. Uma sabedoria velada pelo xamanismo, que pode ainda humanizar uma sociedade que se distanciou dela.

As pistas para essa regeneração da civilização atual podem estar nestes ensinamentos indígenas ancestrais: 1) entender a Terra como mãe, como sagrada e reverenciá-la; 2) que o ser humano possui sua importância na permanência da força criadora, possuindo o mesmo caminho dos outros seres vivos, pois todos são manifestação da criação; 3) "o mundo tem uma alma", um espírito que nos ensina e humaniza. Para isso, como receita Munduruku, é preciso dançar e cantar, "invocar o som imemorial escondido no coração do mundo" (2009, p. 31). E 4) ter a gratidão à Mãe-Terra pela dádiva da vida e, por isso, precisamos manter o ritual, reverenciar, "praticar nosso sentido de pertencimento" e "ter clareza de que são parte da grande teia da vida" (MUNDURUKU, 2009, p. 32).

Considerando que a educação ensinada nas escolas fomente valores como a cooperação, gratuidade, generosidade, simplicidade e uma relação respeitosa entre homens e com a natureza, por exemplo, entendemos ser necessário que as instituições educacionais, escolas e universidades, vislumbrem a possibilidade de contaminar-se também com sabedorias locais que estão no DNA da diversidade sociobiocultural brasileira. Assim, para abrir-se ao cardápio da diversidade de saberes nas universidades, reforçamos

a urgência de uma reforma do pensamento e da educação (MORIN, 2016a). Tal reforma sugere um reencontro com reservas de civilização, com sabedorias ancestrais, como a pajelança e o xamanismo.

Segundo Daniel Munduruku, “o indígena se sente como pertencente à natureza, como uma espécie entre outras [...]. Ao pensar assim, o indígena compreende que sua participação na grande teia da vida, é basicamente fortalecê-la para que todos os seres vivos possam usufruir das dádivas que ela oferece” (MUNDURUKU, 2017, p. 53).

O ato educativo no xamanismo está presente em sua prática, apresentando saberes para o conhecimento de si, do cosmo e da natureza, a fim de atingir o que alguns xamãs denominam de humanismo pleno, caracterizado como condutas de solidariedade, cooperação, compreensão do próximo e respeito a todos os seres presentes na dimensão física ou não.

O educador indígena Daniel, então, apresenta reflexões sobre uma educação complexa que atenta para a necessidade de compreendermos a importância da aproximação entre os saberes da tradição e os saberes da ciência, discutindo as formas de concepção, suas especificidades, ressaltando que a educação acontece em todos os espaços e deve ser realizada por todos.

Nessa perspectiva, tomamos a ideia geral de que os conhecimentos e as práticas do xamanismo contribuem para pensar uma educação complexa, destacando a importância dos saberes ancestrais para pensar novos horizontes educacionais, os princípios de uma ecologia das ideias e a formação em rede de conhecimentos diversos.

Nas palavras de Conceição Almeida, uma verdadeira nova aliança, entre cultura científica e humanística só é possível a partir de uma ecologia das ideias que acolha saberes milenares da tradição dos quais se valem numerosas populações do planeta (ALMEIDA, 2017).

## XAMANISMO PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Os xamãs estão entre os responsáveis pela sustentação dos saberes da tradição. Possuem conhecimentos milenares e experiências que ensinam a preservar a memória, a natureza em seus ciclos,

os mitos, os ritos, as conexões entre mundos, a alquimia da cura, os espíritos da floresta e o elo com as forças da transcendência.

É no xamanismo que encontramos o homem multidimensional com técnicas apuradas que permitem transcender a realidade, estabelecer comunicações simbólicas e ampliar sentidos, indo além da dimensão física, agregando à sua ciência a poética e a espiritualidade.

Constroem seus saberes dentro de outra cosmologia, com outra estética e princípios éticos, aprimorando seu olhar, sua escuta, seu sentir, tornando-se mais sensíveis às vibrações e energias dos seres e dos elementos. É nesse processo caro ao xamã que ele se afasta do modo de pensar utilitarista e pragmático que domina o pensamento da sociedade globalizada, resistindo às fragmentações e reduções da vida, das relações e do pensamento.

O xamã Davi Kopenawa reconhece como uma tragédia humana e cosmológica a destruição do território de seu povo Yanomami causada por garimpeiros (KOPENAWA; ALBERT, 2015). Entende a predação mercantil como uma destruição da ordem cosmológica dos fenômenos ecológicos e meteorológicos (migração da caça, fertilidade de plantas silvestres, controle da chuva, alteração das estações), construindo a cosmovisão de uma *queda do céu*, mito que anuncia a morte dos xamãs em consequência da devastação da natureza e, com isso, o afastamento do espírito da floresta.

Para Davi, não se trata apenas de preservar a existência física, mas também de toda espiritualidade intrínseca, revelando a indissociável conexão entre os aspectos físicos e metafísicos que compõem a natureza. Para ele, as ações dos garimpeiros são uma subversão mortífera da ordem do mundo e da humanidade. A raiz do problema está na forma de pensar.

Em sua concepção, o pensamento do homem branco (referindo-se ao pensamento pragmático e utilitarista ocidental), está numa escuridão confusa, obscurecida pela mercadoria que o leva a se pôr como inimigo da floresta ao entendê-la como inerte. Sua crítica fundamental sobre o fascínio do homem pela mercadoria, que o leva a um pensamento mortífero, sendo tomado por um espírito canibal (KOPENAWA; ALBERT, 2015). Kopenawa narra essa cosmovisão para apreender também os conceitos de natureza e

conservação, construídos intencionalmente nas narrativas de mercadores travestidos de protecionistas.

Aproximando-se dessa apreensão, Ailton Krenak desenvolve suas ideias para *adiar o fim do mundo*, enfatizando a ativação de redes de solidariedade, de cooperação entre os povos, para mantermos a nossa coesão como humanidade, a corresponsabilidade e o respeito pelo direito à vida dos seres.

A simples ideia de a Terra ser um organismo vivo pode mudar essa tendência de matarmos tudo ao nosso redor, diz Krenak. Porém, a forma de pensar que separa o homem da natureza e a trata como mercadoria também nega os saberes ancestrais, por meio de uma narrativa fragmentadora que “suprime a diversidade, nega a pluralidade de formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todos” (KRENAK, 2019, p. 19-23).

Por isso, é necessário defender a manutenção de vínculos profundos com a memória ancestral como referências que dão sustentação a uma identidade. Poder contar mais uma história, como estratégia de adiar o fim do mundo e manter o céu suspenso, como ampliação de nosso horizonte existencial, são estratégias para entendermos a natureza como “dimensão transcendente que dá sentido à nossa existência” (KRENAK, 2019, p. 43).

As condutas de solidariedade e respeito aparecem amplas nos textos do xamã Kopenawa, característica do xamanismo que inclui uma conotação sagrada a todos os seres, aos espíritos, e, por isso, os consideram essenciais para a vida, estando todos conectados por laços imperceptíveis. São essas noções inspiradas na própria natureza que constroem seus vínculos, comunicações e interconexões em meio a metamorfoses, mortes e renascimentos.

O pensamento indígena, no sentido primitivo (primeiro), possui suas práticas arraigadas no pensamento de comum-idade, companheirismo e participação. O xamã, por meio de mitos e ritos, preserva, repete e pratica, hoje, esses princípios éticos de existência plena.

Daniel Munduruku lembra as palavras de seu avô que diz: “Enquanto houver um único pajé sacudindo seu maracá, haverá sempre a certeza de que o mundo estará salvo da destruição” (2017, p. 59).

Essa sabedoria ancestral nos ensina que somos parceiros da natureza; cada coisa criada está em sintonia e possui sua sabedoria. Dito em outro livro, Munduruku enfatiza: “estamos neste planeta para cuidar dele e não para sangrá-lo à exaustão” (MUNDURUKU, 2010, p. 27).

Ele nos inspira a entender os saberes xamânicos como experiências de humanidade, sobre a própria vida e fundamentais para caminhar sobre a terra. Cumprem o papel de provocar esse pensamento ocidental e linear que permeia a mente predatória, que olha para a realidade apenas como uma linha do tempo e a natureza como recurso explorável.

É preciso que as pessoas comecem a perceber que existem outras possibilidades de circularmos nesse mundo, que não apenas a circulação de mercadoria, de produção, mas também de existência e de relações (KRENAK, 2019).

Os saberes construídos pelos xamãs, pajés, curandeiros, feiticeiros, raizeiros, astrólogos são ciências. Assumir essa afirmativa é compreender a validade e a potência desses saberes para a organização e sobrevivência das sociedades tradicionais. Produzidos por estratégias diferentes, tais saberes devem ser apreendidos como complementares aos da ciência oficial para pensar a sustentabilidade das sociedades e da natureza. Saberes da tradição e saberes científicos precisam se olhar para construir uma aliança em benefício de seu destino comum e o destino do planeta.

Morin contribui com um conjunto de elementos imprescindíveis para dialogarmos sobre sustentabilidade, ao apreender a perversa relação da globalização com a natureza. No livro *Rumo ao abismo* (2011b), Morin aponta as consequências catastróficas promovidas pelo que denomina de quadrimotor: ciência, técnica, capital e lucro, que avança impiedosamente contra a natureza. Essa face cruel da globalização precisa ser estancada pela face boa da própria globalização, que conecta a todos e nos põe como pertencentes a uma comunidade de destino comum, sofrendo os mesmos riscos e problemas fundamentais, sejam ecológicos ou econômicos, e que permite nascer um novo mundo.

No livro *Saberes globais Saberes Locais: o olhar transdisciplinar* (2008), Morin dialoga com o indígena Marcos Terena sobre os conhecimentos usurpados pela ciência. Para o indígena do povo

Terena, “Não era este o sonho que nossos antepassados queriam para a nossa civilização” (TERENA citado por MORIN, 2008, p. 18) e propõe como via uma aliança em que “a ciência do branco precisa conversar com a ciência indígena” (TERENA citado por MORIN, 2008, p. 21). Pede que os saberes indígenas, como patrimônio, sejam protegidos e revertidos para o bem-estar da humanidade.

Tal atitude representa a junção de pilares éticos presentes na base dos saberes da tradição: aliança, cooperação, respeito, partilha e comunhão. Ainda nesse livro, Morin reconhece a importância dos saberes indígenas como “conhecimentos muito sutis sobre o mundo vegetal e animal, sobre modos de cura” (2008, p. 26), esfacelando a ideia do mundo europeu que entende a sabedoria concentrada apenas em sua civilização ocidental.

As ideias, conceitos e iniciativas propostas revelam a base ética dos saberes da tradição, fundamentados em valores e ações praticadas até hoje nas comunidades arcaicas em que a solidariedade, a cooperação e a comunhão são inspirações vindas da própria natureza, concebidas por pajés, xamãs, curandeiros e pessoas sensíveis às várias relações entre os seres.

A potência dos saberes ancestrais brota da experimentação, da intuição, dos sonhos, das evocações e das comunicações simbólicas. Estão sempre ligadas aos fatos e às preocupações centrais do planeta.

Perceber a comunidade comum a que todos pertencemos e apreender nosso destino comum, olhar para si e a todos como participantes do cosmo é a via para pensarmos e agirmos para a sustentação da natureza e da vida em suas dimensões física, mágica, poética e imaginária.

Toda planta é sagrada, disse o xamã Amauri, curandeiro e pajé das tribos potiguaras do Rio Grande do Norte. Para ele, a floresta é a farmácia viva preservada pela memória ancestral. Antes da instauração da medicina medicamentosa ocidental no Brasil, a medicina tradicional dos pajés, curandeiros, raizeiros, benzedeiros e mateiros foi por séculos a via de cura de diferentes doenças do corpo, da mente e do espírito. A diversidade de plantas e suas possibilidades de cura vão de plantas para descarrego até plantas médiums.

Tudo cabe e está em mim, em ti e no mundo. Essa é a complexidade xamânica. O tempo do xamã é o do espírito do vale. Segue

um fluxo próprio com infinitas relações e, nessas interações, segue o fluxo do aprender, reaprender, conectar, complexificar e transcender.

Os saberes xamânicos pertencem à constelação dos saberes ancestrais, considerados como reservas antropológicas ao resistir às ameaças da monocultura da mente. O diálogo com sabedorias ancestrais multidimensionais, como o xamanismo, proporciona uma democracia cognitiva e a contribuição dessa forma de pensar, propondo uma formação humana, ecológica, responsável consigo e com uma vida partilhada para os demais seres, baseada em noções éticas de solidariedade, comunhão e integração.

O xamanismo, como uma ciência carregada de uma memória biocultural, tem importância crucial na recomposição de uma civilização, na retomada de valores éticos para reconhecer a força que possui uma comunidade planetária. O xamã, como porta-voz dessa ciência, fala da necessidade de sentirmos o parentesco entre nós e todas as coisas. Somente na aceitação desse parentesco é que concebemos a importância da participação de cada ser nessa teia da vida, a força do espírito da floresta, e é por esse sentimento de comum-idade que entenderemos cada ser como sagrado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras de Kopenawa, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Marcos Terena, Edgar Morin, Conceição Almeida e demais pensadores convergem e se retroalimentam dentro de uma perspectiva que reconhece nos saberes ancestrais e no pensamento xamânico um potente modo de pensar sustentável, capaz de recompor a humanidade.

A metamorfose faz parte da dinâmica da natureza, do cosmo e por isso também nos constitui. Apostamos nesse potencial para *adiarmos o fim do mundo* e evitarmos a *queda do céu*, sustentando uma ética da solidariedade, da comunhão e do companheirismo. Ver a natureza, a vida e suas dimensões, em sua complexidade, se põem como tarefa urgente para apreendermos outros horizontes e soluções possíveis para as crises catastróficas em que vivemos.

Assim, o xamanismo faz parte de uma educação de base complexa que ultrapassa a instituição da escolarização; possui saberes para o cuidado e a responsabilidade com nossas principais casas

(terra, corpo e mente) e resgata saberes arcaicos que deram vida aos nossos ancestrais. O xamã está em processo permanente de aprendizagem. A busca pelo conhecimento e sabedoria é presente em todas as jornadas. Aprender a apreender, ouvir, sentir, respeitar, integrar, solidarizar, comungar e contemplar a vida é a educação xamânica.

O que se tira disso tudo é que o xamã educa. Uma educação de base complexa, que caminha pelas interfaces da arte, da ciência e da espiritualidade. Porém, o xamã não ensina nada a ninguém. Ele provoca, relembra, acorda, faz emergir, causa ab-reação, evoca forças para que cada um possa se curar. Compreensão que se encontra com as ideias do pensador Paulo Freire, que nos lembra que ninguém educa ninguém. Isso porque a porta da mudança só se abre por dentro, como ouvi falar um xamã. Educar é curar!

A cura pessoal, o autoconhecimento são os primeiros passos para entender a si e, daí em diante, compreender o outro, o planeta, o cosmo. Somos filhos do cosmo, como nos lembra Morin (CASSÉ; MORIN, 2008), constituídos pelos mesmos elementos que compõem o universo e “cumprindo a missão” do criador ao sermos também criadores. Ou como Reeves (2002) que usa da metáfora para falar que somos artesãos do oitavo dia, imbuídos de criatividade, sentimentos, inteligência, captadores e difusores de energias.

Por fim, penso que o xamã está em cada um. Os saberes indígenas, dos pajés e xamãs me ensinam a viver e isso é a educação: ensinar a viver, a construção de outros mundos, escrever novas narrativas, a retomada da consciência una, para uma identidade planetária.

Muito se tem alcançado de conhecimentos sobre os saberes xamânicos. Na educação se tem travado uma jornada para que os saberes da tradição, os saberes indígenas e uma sabedoria xamânica possam ser ouvidos. Os ecos do xamanismo precisam ser ouvidos, principalmente neste tempo limiar da civilização que se deixou levar por um pensamento fragmentado e que destrói nossa mãe e a nós mesmos.

Trouxemos até aqui o eco do xamã Daniel, que realiza um trabalho grandioso na educação, levando os saberes indígenas, a sabedoria de seu povo e colocando piolho nas cabeças das pessoas. Desconstrói verdades estabelecidas a partir de suas vivências

numa educação ampla da vida em comunidade, trazendo a sabedoria ancestral que ressoa na relação com a natureza, a dimensão espiritual da qual somos intrínsecos.

Para finalizar, deixo as palavras de Daniel Munduruku fluírem. Um importante texto para pensarmos o que está no âmago de uma educação complexa. Com a força do espírito criador, estas palavras invocam a sabedoria ancestral e convocam os povos a compreenderem a potência da vida em permanente fluidez na natureza, nossa mãe.

Segue o fragmento do texto *Uma prece de esperança*:

(...) Grande Pai, ensina a eles as coisas que ensinaste a nós.

Ensina a eles que a Terra é sagrada.

Ensina a eles que a Terra é o nosso lar comum.

Ensina a eles que é preciso limpar a sujeira que cada um faz.

Ensina a eles que a Lua, nosso avó, é sagrada.

Ensina a eles a cuidar de suas crianças e de seus velhos - herdeiros de Tua mensagem.

Ensina a eles a se tornar povo novamente, para que possam receber Tua bênção criadora na sua forma original e com compreensão.

Ensina a eles a pararem de brincar de criador. Diz a eles que isso vai fazer a terra passar mais rápido.

Ensina a eles a ensinar seus filhos e os que ainda irão nascer a sobreviverem em nossa Terra-lar.

Grande Pai, continuamos a confiar na Tua presença e bondade. Ajuda-nos a manter a esperança.

(MUNDURUKU, 2009, p. 87)

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

ARAÚJO, Carlos Eduardo de. **Xamanismo hoje:** diálogos com uma sabedoria arcaica. Natal: U'KA Editorial, 2022.

ATLAN, Henri. **Tudo, não, talvez:** educação e verdade. Tradução Fátima Gaspar e Carlos Gaspar. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **Existências penduradas:** selfies, retratos e outros penduricalhos. Por uma ecologia das imagens. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2019.

CASSÉ, Michel; MORIN, Edgar. **Filhos do céu:** entre vazio, luz e matéria. Tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver:** manifesto para mudar a educação. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?** ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais:** o olhar transdisciplinar. Participação de Marcos Terena. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2**: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores. Lorena: UK'A Editorial, 2017.

MUNDURUKU, Daniel. **Das coisas que aprendi**: ensaios sobre o bem viver. Lorena: DM Projetos Especiais, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando**. São Paulo: Uka Editorial, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem da cultura indígena brasileira. Ilustrações de Maurício Negro. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O índio que mora na nossa cabeça**. São Paulo: Prumo, 2012.